

946.2:91 (469) CDO

LIVRO

DO

I CONGRESSO DAS ACTIVIDADES

DO

DISTRITO DE LEIRIA

//

23 a 26 de SETEMBRO

M C M X L I I I

//

OBRA SUBSIDIADA PELO
INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA)

1944

Mata
Revisagem
Poesia

povoamento e o desenvolvimento das colónias promovendo o gôsto pela vida colonial.

Em conclusão, para a nova Fisiocracia, que determinará o engrandecimento da Nação, a lavoura tem de preocupar-se e trabalhar para que a terra, elemento primacial da riqueza da Nação, seja dada a posição, atribuído o valor, destinado o lugar que lhe compete na Economia Nacional. Para tanto será necessário:

1.º Criação da terra indivisível, inalienável, imprescindível, não hipotecável, vinculada à família, instituindo a profissão de lavrador.

2.º Fixação de preços para os produtos agrícolas pelas dorporações de agricultores, com base no custo de produção e não no preço de consumo, preço que tenha em vista o levantamento moral, profissional e material da lavoura independente.

3.º Criação de escolas agrícolas elementares para educação e instrução dos filhos de agricultores.

4.º Criação de escolas de agricultura colonial nos centros de maior emigração.

A terra, pois, o tributo que ela merece, o apoio à sua força invencível, ela é o grande instrumento de Deus na obra da Criação, quotidianamente Deus se manifesta por seu intermédio, obrando assombro de maravilhas.

Sejamos pela Terra onde Deus fecunda a vida que brota em flores e frutos de maravilha; terra abençoada em que nascemos, nos alimenta, e guarda para a Eternidade.

A Tradição no Progresso do Distrito de Leiria, pelo Eng.º Agrónomo Dr. Arala Pinto

Convidado para tomar parte no 1.º Congresso das Actividades do Distrito de Leiria, por carta do Ex.º Sr. Dr. Afonso Zúquete, dois temas me foram apresentados para relatar:

POVOAMENTO FLORESTAL DO DISTRITO DE LEIRIA. O PINHAL DE LEIRIA NAS LENDAS, NAS TRADIÇÕES E NO FOLCLORE REGIONAL.

O primeiro, pode dizer-se, já foi dado a conhecer pela Junta de Colonização Interna, no trabalho editado em 1940 com o título: «Reconhecimento dos Baldios do Continente», e o segundo já foi tratado por mim em 1938, em «O Pinhal do Rei», onde anotei tudo o que pude coligir sobre tal assunto. No trabalho de hoje, terei de me repetir e de reproduzir o que já foi escrito.

Se aceitei a incumbência de vir aqui falar-vos, é porque a maior parte da minha existência foi passada no distrito de Leiria, considerando-me quasi seu filho; e, por êsse facto, dava-me por feliz se ainda em minha vida verificasse o seu maior progresso com o desenvolvimento económico levado ao máximo e baseado na tradição.

Numa palestra que realizei no Pôrto, a pedido da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, em 13 de Março de 1943, que intitulei: «As Árvores — O Pinhal do Rei — Um Pôrto Comercial — O Paraíso», publicada nos boletins n.ºs 277 e 279 de «A Indústria do Norte», toquei levemente no assunto e ainda que os jornais do Norte tivessem feito referência a essa palestra, o «nó vital» da mesma parece ter passado despercebido. E' êsse ponto que irei focar de novo, porque para melhorar a vida económica do distrito deve-se

procurar movimentar tanto quanto possível a sua enorme riqueza, pensar-se a valer no após-guerra e procurar fazer subir o nível da vida dos seus habitantes.

Lopes Vieira disse algures ser o distrito de Leiria o coração de Portugal.

Comungo no mesmo credo, tendo dito na referida conferência: O distrito de Leiria é verdadeiramente o coração de Portugal, o seu sangue distribui-se por toda a sua área: grutas pré-históricas da Serra dos Candeeiros — palácio maravilhoso das Berlengas — Alfeizerão — Salir-do-Pôrto — Coz — Pôrto-da-Baleia — Monte-Real — Surgidouro das Paredes — Barragem do Ribeiro de Moel — Batalha — Ruínas da Foz-de-Alge — Pinhal de Leiria — Pederneira — Sítio — S. Martinho, etc..

O coração do distrito de Leiria é órgão propulsor de um glorioso passado que tem de trabalhar em ritmo certo porque as fibras musculares são seguras e sãs e devem movimentar todo o seu sangue que é rico, abundante e variado, pois conta produtos minerais, florestais, agrícolas, haliêuticos e industriais.

O que se torna necessário é que as artérias do órgão propulsor do distrito de Leiria voltem a ligar-se, como em tempos recuados, ao grosso tronco arterial que é o mar.

Há uns cinco anos foi-me dado examinar o projecto de um pontão no litoral do distrito de Leiria, elaborado por um dos nossos engenheiros mais competentes e que vive entre nós, local este onde poderiam entrar, em quasi todos os dias do ano, vapores de 10.000 toneladas e cujo custo andava à volta de 2.000 contos.

Se a permuta de mercadorias é um dos entreténs da Humanidade, nós poderíamos aumentar as trocas no exterior e no interior do país, trilhando o caminho já aberto por D. Denis e melhorando-o com os ensinamentos que a experiência e a ciência nos trouxeram.

Um pôrto comercial na costa do distrito de Leiria é factor indispensável no seu progresso, sem a sua existência nada feito, e não me considero sonhador ou utopista. No ermitério onde vivo há 22 anos, tenho podido beber as lições do passado e em «Memórias Económicas» fui encontrar os seguintes factos respeitantes a D. Denis: «Os thesouros de D. Denis, effeitos de hum sabio governo, que põe os seus cuidados em aumentar as riquezas primitivas, são celebrados na Historia.

Na guerra, que D. Fernando fez a Granada, lhe emprestou D. Denis seiscentos marcos de prata, e lhe mandou setecentos homens de cavalo. A D. Jaime de Aragão, que lhe pedia emprestadas dez mil dobras lhe deu dadas vinte mil. As liberalidades, que fez fora do Reino, as despesas que fez dentro, foram muito consideráveis. Quando hum Monarca cuida em que os vassallos sejam ricos, e sejam muitos he elle feliz, e a sabedoria sentada no throno, espalha a abundancia ás mãos cheas. Sem as riquezas da India, sem o ouro do Brazil, D. Denis fez o Estado florescente; he elle hum exemplo, de que só as riquezas primitivas, isto é, o pão e tudo o que a terra nos fornece, são verdadeiras riquezas do Estado, e que deve pôr todos os seus cuidados em que os vassallos tenham faceis meios de as adquirir.»

A gestação de Portugal levou alguns séculos. A nação nasceu verdadeiramente em 1279 quando D. Denis foi chamado a governar. Ao Recem-nascido havia que prodigalizar cuidados e saber, para que fôsse sempre sadio e constituísse orgulho de todos os seus filhos.

D. Denis foi verdadeiramente o primeiro grande obreiro da nação, e se nós olharmos hoje para o passado, para o presente e para o futuro, para o

mundo velho ou para o novo; se ouvirmos os economistas no passado e os dos nossos dias, hoje como outrora, só encontramos um único caminho de salvação ou de resgate: o trabalho probo e devidamente coordenado, que aliado à fé dos nossos destinos poderá fazer de Portugal, e principalmente do Distrito de Leiria, o «jardim à beira-mar plantado» sonhado por Tomás Ribeiro, ou lhe poderá dar uma «Leda serenidade deleitosa que representa em terra um Paraíso» como escreveu Camões.

É no distrito onde correm serenos o Lis e o Lena que nasceu o Pinhal de Leiria que veio do mar e que para o mar nos levou, fazendo quebrar a lenda do Mar Tenebroso, fazendo-nos antes acreditar que seria estrada líquida imensa, unindo os povos em interesses coordenados e lucrativos.

D. Denis assim o demonstrou, assinando em 1294 um tratado de comércio com a Inglaterra, carregando para este país o excedente da riqueza criada no interior e no litoral português, constituída então por cortiças, cereais, azeite, gados, coiros, sal, peixe seco, mel, cêra, frutas secas, e trazendo de retôrno os tecidos finos, as penas, peles diversas para adôrno dos vestuários do próprio rei, dos fidalgos e do clero e o velame para as embarcações.

Foi no Distrito de Leiria que brotou a «Fonte limpa» o foco bendito da arborização do país, saído da «arregaçada de denisco» da Rainha Santa.

O pinheiro bravo reveste hoje 55% da área do Distrito de Leiria e a semente alada, levada pelo vento e pelo homem, cobre lombadas da terra portuguesa, escarpas graníticas ou xistosas das nossas serras, planuras e areias sáfaras do litoral; é riqueza que exige saída económica, para fruição da gente portuguesa.

*
* *
*

ÁREA FLORESTAL

Não posso dar indicações absolutamente exactas sôbre a arborização do distrito, porque, ainda que me baseie nos números indicados pela Junta de Colonização Interna, é sabido que os elementos obtidos em inquéritos semelhantes nem sempre correspondem à verdade, porque as cartas agrícolas e florestais são antiquadas, e porque os elementos que quasi sempre se colhem são filhos do receio e da desconfiança que leva os informadores, tantas vezes de acaso, a darem respostas capciosas.

A área total do distrito é de 343.508 hectares, que deverá achar-se assim repartida:

Área arborizada	180.000 hect.
» agrícola	130.000 »
» baldia	20.000 »
» social (povoações, estradas e caminhos)	13.508 »
	343.508 »

Dos números que foi possível obter e do resultado das minhas observações, creio que a área arborizada se poderia dividir assim:

Pinheiro bravo	155.000 hect.
» manso	5.000 »
Eucalytus globulus-Labill	4.000 »
Quercus suber L (sobreiros)	3.000 »
» lusitânica Lam. (carvalho português)	3.500 »
Castanea sativâ Mill. (castanheiro)	600 »
Outras essências.	8.900 »
	180.000 »

A área agrícola — Deveria designar-se mais pròpriamente por área arborícola, porque, exceptuando as limitadas várzeas e planuras, são as oliveiras, as vinhas e fruteiras o fundamento principal do revestimento do solo do distrito. As faldas da serra de Aire desde Minde a Pôrto-de-Mós e as da serra dos Candeeiros, alargando-se em extensas zonas de oliveais, a vinha invadindo tôdas as encostas, outeiros e penetrando nos vales onde se divisam ainda tantas oliveiras e fruteiras, são uma prova do que afirmo.

A área baldia — E' assim dividida pela Junta de Colonização Interna:

Área baldia com aptidão florestal	13.000 hect.
Área baldia com aptidão agrícola não colonizável	5.000 »
Área baldia com aptidão idem, colonizável	2.000 »

Diria antes que a área baldia sem adaptação florestal vai a 13.000 hectares ou só poderia vir a ser revista com o decorrer dos séculos, tantos quantos os que foram necessários ao desaparecimento da arborização.

As cumiadas das serras do distrito de Leiria foram, em tempos recuados, revestidas de densa vegetação e nas grutas abertas naturalmente nas falhas do jurássico, viveu o homem pré-histórico. E' o que nos diz o saudável sábio que se chamou Manuel Vieira Natividade em «As Grutas de Alcobça» que organizou um verdadeiro museu arqueológico de utensílios, hoje em poder de seus filhos, António e Joaquim Vieira Natividade. Esta colecção, junta à de outros amadores de antiguidades, que sei existirem no distrito, deveria constituir museu único para a documentação de tôda a história do distrito de Leiria e para entretém espiritual de todos os leirienses.

Diz Joaquim Vieira Natividade em «A Região de Alcobça» e referindo-se à serra dos Candeeiros: «As florestas que a cobriam, destruídas intencionalmente ou não, pelo homem, expuseram à acção directa da erosão a delgada camada do seu solo, e êste, arrastado talvez pelas chuvas abundantes da era quaternária, veio depositar-se nas faldas da serra, deixando a descoberto a rocha nua.

As assentadas calcáreas, cuja horizontalidade foi destruída pelos movimentos orogénicos, levantam-se abruptamente e nos pontos onde a vegetação é possível, apenas vegeta o carrasco — o símbolò da perseverança — ou o odorífero alecrim, cujas pequeninas flôres azuis lançam uma nota de poesia e de beleza nos alcantis abruptos da serra.

Os terrenos que as chuvas transportaram, acumulando-se nas faldas da serra, deram origem a uma faixa fértil onde a cultura da oliveira veio substituir as extensas florestas de outrora.»

A área baldia mais extensa do distrito de Leiria é a do concelho de Pôrto-de-Mós, calculada em 9.000 hectares, e está incluída no plano de arborização do País.

A área social, que computei em 13.000 hectares, é constituída por todos êsses aglomerados populacionais, muitos dos quais se encontram ligados entre si apenas por simples serventias e atalhos cheios de precipícios, de ladeiras íngremes, que as águas invernoscas transformam tantas vezes em lodaçais e atoleiros, dificultando e paralisando, mesmo durante uma parte do ano, o comércio rural e os serviços agrícolas.

Os concelhos de Pedrógam-Grande, Figueiró-dos-Vinhos, Alvaiázere, principalmente, deviam ser olhados com mais carinho, para que o pequeno proprietário deixasse de viver o seu drama de sempre e ingressasse no dinamismo dos tempos presentes.

Muito se tem feito para melhorar a viação no Distrito de Leiria, e deve ter chegado agora o momento de se olhar a valer pelos caminhos rurais, que

são para a agricultura o que o motor é para máquina, como escreveu com razão um distinto economista rural.

Só quem por missão oficial tem tantas vezes de percorrer azinhagas em labirinto e verifica as dificuldades com que os lavradores acarretam as suas colheitas por verdadeiros despenhadeiros, com sinistros frequentes, pode avaliar a necessidade inadiável de eucarar devidamente a melhoria dos caminhos rurais.

*

Porque parte do trabalho de que fui incumbido se acha sistematizado no Volume I do Reconhecimento dos Baldios do Continente, da Junta de Colonização Interna, e não o saberia nem poderia apresentar melhor, limito-me a eenumerar algumas riquezas do Distrito de Leiria.

PINHAIS

Estendem-se por tôda a parte, pelas serranias, montes, pelas ondulações mais caprichosas, em muitas baixas e em mancha compacta verde-escura em todo o litoral.

Não me vou apreciar na técnica cultural porque isso me levaria muito longe e tôda a sua história já foi tratada em «O Pinhal do Rei».

Se considerarmos que os pinhais na sua grande maioria são relativamente novos, lhe dermos uma idade média de 40 anos e um volume por hectare de 150 metros cúbicos, temos, nos 160.000 hectares de pinhais, uma massa lenhosa global de troncos e ramos que monta a 24.000.000 de metros cúbicos.

Mas se encararmos o problema por outro lado, isto é, se soubermos que o aumento do volume do material lenhoso existente num hectare (troncos, ramas e raízes) regula anualmente por 5 metros cúbicos, ficamos sabendo que podemos tirar todos os anos dos pinhais do distrito um volume total de 800.000 metros cúbicos, que poderemos valorizar em 16.000 contos.

Os pinhais são explorados, não só para a produção de madeiras e lenhas, mas, também, em resinagem. Considerando que apenas uma quarta parte dos pinhais do distrito está em condições de ser sujeita á resinagem, e sendo a produção média por hectare de 1.000 Kg. anuais de gêma, a produção total será de 40.000.000 Kg. de gêma a que poderemos arbitrar um valor de 100 mil contos.

O valor venal dos pinhais é muito variável dentro do próprio distrito, diminuindo na razão indirecta da distância a que elles se acham dos centros de consumo e das vias de comunicação.

Se dermos o valôr de 20\$00 a cada m3 de material lenhoso, teremos a cifra de 480.000.000\$00.

OLIVAIS

Se computei a área agrícola do Distrito de Leiria em 130.000 hectares, poderei afirmar que metade desta superfície é ocupada pela oliveira, que domina inteiramente tôda a vasta mancha do jurássico, que vegeta admiravelmente em todo o distrito, tanto nos terrenos xistosos, como nos terciários e até nos modernos, pois vive e frutifica ainda que em pequena percentagem no concelho da Marinha-Grande.

Não é meu intento nem pretendo roubar tempo falando da cultura da oliveira, que de um modo geral tão mal se pratica no distrito, nem farei considerações sôbre o fabrico do azeite; apenas desejo fazer cálculos presumíveis da produção global, do precioso óleo, no distrito.

E' sabido que, se existem olivais bem tratados e convenientemente explorados, há muitos outros abandonados, onde a oliveira vegeta como árvore silvestre, havendo regiões onde o arvoredo se encontra demasiadamente basto, e outras onde está demasiadamente claro, praticando-se até, muitas vezes, conjuntamente, a cultura arvense e a da própria vinha, tôdas disputando a posse da terra.

Se considerarmos que existem no distrito 65.000 hectares de olival, tomarmos como média 110 árvores por hectare e a produção por árvore de 1,5 litros, a produção total será de aproximadamente 11.000.000 de litros do precioso líquido.

Em valor, ao actual preço da tabela 6800 (por litro), teríamos uma riqueza que monta a sessenta e seis mil contos anuais e que certamente irá aos 100.000 contos se entrarmos em linha de conta com o azeite obtido com a remoagem dos bagaços e com o valor dêstes.

VINHAS

As vinhas vêem-se por tôdo o distrito, sendo os concelhos de Alcobaça, Batalha, Bombarral, Caldas-da-Rainha, Leiria, Alvaiázere e Óbidos, os que mais vinho produzem.

Sôbre a cultura da vinha, terei de fazer minhas as palavras do meu colega e condiscípulo — Joaquim Vieira Natividade — exposta no seu trabalho «A Região de Alcobaça», publicado em 1922, considerações que teem cabimento na maioria dos concelhos do distrito :

«A cultura da vinha tem hoje na Região de Alcobaça excepcional importância e a sua área de cultura tem aumentado muito, sobretudo nos ultimos anos.

Invadiu todos os campos, apossou-se dos melhores terrenos, das melhores várzeas, das mais produtivas encostas, e o lavrador, seduzido pelos lucros, muitas vezes aparentes, que esta cultura deu, entregou-se com todo o entusiasmo à plantação da vinha e nela depositou as melhores esperanças, na fé de que seria uma fonte de inesgotáveis lucros.

Durante o período da Grande Guerra, em que a exportação de vinhos atingiu extraordinária importância, vendeu-se tudo, bons e maus vinhos, e a falta de honestidade de alguns vendedores foi largamente remunerada.

E foi essa venda fácil e lucrativa, foi a falta de previsão do futuro e o desejo de aproveitar ainda êsse período de enriquecimento, que fêz que os melhores campos da região fôssem invadidos por esta cultura. Das terras de sequeiro passou às de regadio, dos terrenos da encosta que produziam os melhores vinhos passou às terras de aluvião férteis e fecundas, da zona montanhosa desceu às planícies, e as terras de *campo* que não são alagadas durante o inverno já estão, nalguns pontos, plantadas de vinha!

Foi ainda êsse bem-estar transitório a origem, em parte, do aumento desta cultura, porque foi com os lucros obtidos durante os primeiros anos da Grande Guerra que muitos cultivadores puderam fazer face às despesas sempre elevadas da plantação. E por esta forma se plantaram por todo o concelho, e muito especialmente na zona serrana, muitos milheiros de *cêpas*.

A cultura da vinha é, pelo menos por enquanto, uma riqueza enorme para a Região de Alcobaça, pois o valor da produção atinge anualmente muitas centenas de contos.»

No mencionado trabalho é apresentada a conta de cultura de que foi inteligente e ilustrado viticultor do concelho, Dr. Raposo de Magalhães, que dá uma produção de 5.000 litros de vinho por hectare.

Atendendo a que as suas vinhas foram sempre tratadas com todo o

esmêro, reduzamos a metade da produção as vinhatariás de todo o distrito e demos-lhe 2.500 litros por hectare, ainda porque, de uma maneira geral, entre a vinha faz-se uma promiscuidade de culturas — os cereais, as leguminosas, os batatais, as crucíferas, as próprias fruteiras que assimilam em fortes proporções os elementos nutritivos do solo onde a vinha frutifica.

Se computarmos em 60.000 hectares a área do distrito ocupada pelo precioso arbusto, temos uma produção global que vai a 150.000.000 de litros, ou sejam 250.000 pipas, dando o volume de 600 litros para cada pipa.

Em valor, baseando-nos no preço actual do vinho, 2700 o litro, teríamos uma riqueza avaliada em 300 mil contos.

FRUTEIRAS

As árvores frutíferas vêm-se por todo o distrito como cultura acessória, em promiscuidade entre as hortas, as culturas arvenses ou associadas á vinha.

Raros são os tratos de terreno destinados exclusivamente ás fruteiras. Elas vegetam por toda a parte de maneira desordenada, tantas delas de formas irregulares, carcomidas, cheias de musgo, de pernadas secas, sem nunca terem sido sujeitas a qualquer tratamento, cometendo-se verdadeiros barbarismos na colheita dos frutos e na forma de os trazer aos mercados.

Felizmente, certos concelhos, nomeadamente Alcobaça, Caldas-da-Rainha, Leiria, etc., vão constituindo excepção e muito têm feito para a reconstituição dos seus antigos e afamados pomares.

Vêm-se por todo o distrito laranjeiras, limoeiros, pessegueiros, macieiras, pereiras, alpercheiros, nogueiras, nespereiras, ameixieiras, ginjeiras, figueiras, etc., e, por falta de estatística, impossível se torna fazer um cômputo aproximado da produção fruteira.

Façamos, contudo, o cálculo a um hectare de pomar regularmente constituído, demos-lhe 320 árvores por hectare, uma produção por árvore de 300 frutos e arbitremos dez centavos para o preço médio de cada fruto.

Teríamos 96.000 frutos por hectare e o valor venal da produção seria de 9.600700.

Se admitirmos a existência de 5.000 hectares de fruteiras no distrito, a riqueza poderá ser avaliada em 50.000 contos.

CULTURAS HORTÍCOLAS E ARVENSES

De uma maneira geral, as hortas existem nos melhores terrenos e onde a água abunda. A cultura é intensiva, os produtos hortícolas suprem as necessidades da família lavradora que cultiva a terra e certos produtos ainda abastecem os mercados do distrito.

Das culturas arvenses a principal é a do milho, constituindo o pão fabricado com este cereal a base da alimentação da população rural.

O distrito importa trigo, milho e batata, o que demonstra à evidência não ser um distrito agrícola, mas sim silvícola e arborícola, como já disse.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O rendimento anual dos produtos atrás indicados atinge, no distrito de Leiria, a importância de 566.000 contos.

Não se poderia duplicar esta receita?

Vejamos:

PINHAIS

De uma maneira geral, os preceitos técnicos vão sendo conhecidos de todos os proprietários e as leis, últimamente promulgadas, de protecção aos arvo-

redos, têm obstado a verdadeiros vandalismos que por quasi todo o distrito se cometiam. Neste capítulo não haveria mais a fazer do que coordenar os serviços, cuidar das vias de comunicação rurais e dos transportes, valorizar a massa industrial pela multiplicação das indústrias de serração, cerâmica e dos fornos de cal, pensando-se desde já que dentro em pouco a indústria da celulose há-de adquirir extraordinário relevo e, como factor capital, fazer-se nas melhores condições o embarque por mar.

OLIVAIS

Embora os nossos azeites mais finos provenham quasi sempre dos terrenos xistosos e graníticos, é certo também que as qualidades de azeite poderiam ser grandemente beneficiadas em certas regiões, com a melhoria dos processos extractivos, não se fazendo a apanha tardia das azeitonas, reduzindo ao mínimo indispensável ou suprimindo o entulhamento, e poder-se-ia aumentar a produção dispensando aos olivais cuidados culturais, tais como podas, estrumações, tratamentos vários e evitando-se tanto quanto possível o varejamento, que deita por terra os raminhos da futura frutificação.

Se as fábricas de conservas consomem anualmente uns 120.000 litros de óleo (azeite 55%, óleo de amendoin 45%) e hoje já não se importa azeite estrangeiro, procedendo muitas fábricas à refinação dos nossos azeites, talvez evitassem esta operação e satisfizessem as exigências dos mercados consumidores, se encontrassem no mercado azeites verdadeiramente finos.

VINHAS E VINHOS

Alguma coisa se tem feito em nossos dias no que respeita ao cooperativismo mas, no ramo agrícola, ainda está, por assim dizer, em embrião.

Não me vou alongar em considerações de vária ordem, direi apenas que no distrito de Leiria se encontram vinhos dos melhores quilates.

Limito-me a transcrever umas linhas de «A Região de Alcobaça» e outras de «Portugal au point de vue agricole», e o leitor conjecture o que seria esta riqueza do distrito se tivéssemos tipos de vinhos regionais, se os acreditássemos no estrangeiro e se pudessemos exportar uvas e vinhos pela costa do distrito.

«Num transporte de entusiasmo, que só a excelência do produto justifica, Wiliam Beckford, o espirituoso e irónico escritor inglês, classificou de *divino, perfumado* e etéreo o vinho de Aljubarrota!»

«Un autre noyau important et remarquable par sa grand production de vin de table, dans les limites de cette région, a pour centre Caldas da Rainha et Alcobaça, petites villes voisines du litoral.

La production locale constitue un excellent stock, parmi lequel se distinguent quelques marques déjà très acréditées.

A cette catégorie appartiennent les vins de Gaeiras et de Tagarro, vins très connus, récoltés dans les propriétés de M. José Pinheiro et ceux de Alcobaça, qui sortent des caves de M. José Eduardo R. de Magalhães. Les vins rouges de cette dernière origine sont préparés avec beaucoup de soin; ils possédant un bouquet non à dédaigner et leur coloration a une belle teinte rubis. Ce sont des types curieux a observer et qui révèlent tout ce qu'on est en droit d'attendre des raisins de cette région, quand la vinification est intelligemment conduite.»

POMARES E FRUTOS.

Transcrevo as últimas e as primeiras linhas do trabalho mais recente de Natividade: «Mais e Melhor Fruta» e três linhas do primeiro livro que publicou «A Região de Alcobaça»; «Mais frutos, quer dizer: *mais saúde e mais riqueza*, dois ambicionados bens que fazem a vida côr de rosa, e quer dizer ainda: *mais juizo*, um bem que, por mais raro, nem por isso tem menos valia.

Mais saúde, porque os frutos são a base da alimentação higiênica, precioso depósito de vitaminas e de substâncias necessárias à vida, fonte de energia e de vigor; *mais riqueza*, porque o desenvolvimento da fruticultura significa mais intensivo, proveitoso e inteligente cultivo do solo, mais abundância e conforto, maior valorização da terra, mais aprazível e abastado viver.

Mais frutos, por fim, quer dizer também *mais juizo*, pois mostra que abandonámos a negrura fatalista e nos resolvemos a aproveitar corajosamente os dons magníficos da terra portuguesa.

A nossa produção fruteira, quando apreciada em conjunto, não basta para um consumo normal da população do país. Produz-se pouco e mau; estamos muito longe, muito longe até, de aproveitar as amplas possibilidades nacionais de produção em quantidade e em qualidade, e o consumo médio por habitante ressen-te-se confrangedoramente dêste desinteresse do agricultor português pela fruticultura.

Para terminar, recordemos ainda que a escolha, acondicionamento, transporte e venda, porque constituem o coroamento da arte de produzir, devem merecer ao fruticultor desvêlos incessantes. Cabe a êste valorizar as colheitas pela cuidadosa apresentação e honesta escolha que atraem e prendem os compradores; pelo perfeito acondicionamento, que evita a deterioração durante o transporte e permite que os frutos sejam vendidos com a graça e a frescura que tem no pomar; pela organização conveniente da venda, graças à qual cada categoria dos produtos encontra o mercado mais remunerador.»

De «A Região de Alcobaça»:

«Pela barra de S. Martinho-do-Pôrto exportaram-se em 1854, 251 carradas de fruta verde, ou sejam, aproximadamente 1.506.000 frutos...»

Em 1909, calculando o valor médio de exportação, pela mesma barra, temos:

Para o Algarve	1.000 carradas
» Lisboa	200 »
» Santarém	500 »
» África e Brasil	200 »

O abandono a que votámos a estrada marítima fêz que praticamente desaparecesse a exportação por aquêlê pôrto.

CULTURAS HORTÍCOLAS E ARVENSES

Deviam ter importância capital no desenvolvimento económico do distrito e quási se limitam a dar a base da alimentação aos seus proprietários e a abastecer os pequenos mercados regionais.

De uma maneira geral, seguem-se os processos tradicionais e os terrenos destinados à cultura arvensê, e os pequenos tratos de terra reservados para horta são imutáveis, já pela escassez de água ou seu mau aproveitamento, já pela natureza acidentada do terreno, já pela grande fragmentação da propriedade.

Se exceptuarmos algumas várzeas naturalmente férteis e irrigadas, tudo o mais são pequenas parcelas de terra, melhor trabalhadas e adubadas na

encosta, junto a nascentes onde a alverca mourisca represa o fio de água que segue depois pelos carreiros e carris dos caminhos a roer os taludes, a cortar a vereda, a dificultar mais tarde o transporte dos produtos, chegando finalmente uma exígua corrente de água de pé até ao feijoyal, couval, cebolal, aboboral, etc.

Na várzea vêem-se as courelas onde existe o pôço com nora mourisca ou a cegonha e onde a fôrça do boi, do burro ou do homem eleva a água para dessedentar as plantas, água que muitas vezes é quasi só suor e que tantas vezes não mata a sêde.

Junto à corrente de alguns rios, ainda é a água por vezes o motor alentado que move a roda hidráulica, e que a gemer e a cantar em ritmo cadenciado, trabalha continuamente em laboriosa tarefa, parecendo querer mostrar ao homem os benefícios sem conta que lhe poderia oferecer, já que êle descobriu a electricidade e esta lhe pode dar luz, calor, movimento.

No dia em que escrevo, 1 de Julho de 1943, vejo definhar na lomba da terra a cultura arvense, principalmente o milho; a produção da batata foi reduzida a um terço do normal só porque a estiagem perdura. Se as linhas de alta tensão existissem em maior número no distrito e a energia eléctrica fôsse economicamente fornecida à lavoura, a área irrigável poderia ser consideravelmente aumentada e, com ela, as possibilidades agrícolas de extensas zonas tão mal aproveitadas hoje em dia.

ANTE-VISÃO E CONCLUSÃO

Bem poderia tornar extensivas ao distrito de Leiria as palavras que Joaquim Vieira Natividade dedica à sua região de Alcobaça: «Em pronunciadas ondulações e pregas se estende essa vasta superfície, a partir da extensa serrania que limita tôda a parte oriental, até ao mar imenso, que a banha em quasi toda a extensão. E entre êsses dois limites que a separam do restante mundo — o abrigo da serra denticulada e formosa e a grandeza infinita do mar — inunda o Sol um dos mais formosos e fecundos trechos da Terra Portuguesa...»

É nas colinas, é nas encostas suaves, com as mais variadas exposições, é nos vales férteis e nas uberosas campinas que o homem exerce a sua actividade agrícola.

E os pontos que a relha da charrua ou a fôlha da enxada não pode revolver, ei-los cobertos de pujante vegetação, quer seja o cimo agreste de uma colina, quer seja a encosta alcantilada de um monte.»

Ora se Deus deu aos leirienses um pedaço do mundo tão maravilhoso, porque não o semear de fartura e alegria para regalo de todos?

Porque não relegar para todo o sempre ao passado o *fatalismo*, o *tem que ser*, e acreditar antes que Deus deu a todos nós inteligência e músculos para vencer na vida?

No geral, desculpa-se o nosso atraso agrícola, chamando rotineiro ao agricultor português, mas não se lhe abrem novos trilhos na vida, novos horizontes, novas possibilidades.

Os trabalhadores rurais e pescadores quasi vivem hoje como no tempo dos nossos antepassados e, ainda que o seu nível de vida no distrito de Leiria não seja dos piores adentro do país, as suas habitações têm pouco conforto, e vai desaparecendo a tradicional casinha alpendrada e acolhedora, tão característica de quasi tôda a região. A alimentação do trabalhador nesta funesta quadra que todo o mundo atravessa, vai sendo deficiente para acudir às suas necessidades fisiológicas, se pensarmos nos trabalhos pesados que executa e

se verificarmos que a agricultura e a pesca foram desde sempre, e continuarão a ser pelos tempos fora, os esteios da nossa independência.

Não é rotineiro o rural que se entrega a uma das culturas mais dispendiosas e trabalhosas — a da vinha — e a trata com esmero.

Iguais cuidados dispensaria à fruticultura e à horticultura se visionasse interesses futuros.

Se em nossos dias os vemos logo de madrugada curvados para a terra e trabalhá-la por forma que a propriedade não se transforme em encargo, vê-los-íamos trabalhá-la cantando se a terra fôsse fonte de receita.

Há mais de seis séculos D. Denis deu a felicidade a Portugal trabalhando a terra e o mar.

Ontem, como hoje, o meio é o mesmo, a terra continua a ser fecundada, o mar da costa de Leiria é manancial de pescarias, o subsolo é rico de produtos minerais e tal como em 1294 se poderia ainda renovar o tratado de comércio com a nossa mais antiga Aliada.

A Inglaterra tem abandonado progressivamente a vida agrícola, nos seus vastos prados, o seu Midland, pode-se andar durante horas com a velocidade de 120 quilómetros sem se ver outro género de cultura; ali apenas vivem ovelhas, cavalos e bois, a população humana concentrou-se em grandes aglomerado e tendo no subsolo a hulha em abundância, alguns metais, e nos seus domínios as matérias primas mais diversas, a Inglaterra fêz-se país industrial.

Para alimentar a sua numerosa população, tem de importar quatro quintas partes dos produtos agrícolas que diariamente consome.

Se em sonhos cheguei a vêr os leirienses homenagearem a memória dos dois maiores portugueses de todos os tempos — D. Denis e a Rainha Santa — se em «O Pinhal do Rei» escrevi: — Que o Pinhal de Leiria seja o detentor do monumento que, por honra nacional, se tem de erguer, em dia próximo, numa das suas mais elevadas crastas, ao Rei Denis e Rainha Isabel de Aragão, tão injustamente esquecidos, monarcas de quem Júlio Dantas dissera: — «Estadistas dos maiores do século, D. Denis notabilizou-se pela sua política de valorização da terra, pela obra de protecção à lavoura e aos lavradores; pelo desenvolvimento que imprimiu à indústria mineira e à indústria de pescarias; pela criação da frota do comércio e das bôlsas comerciais de Flandres e do Pôrto; pelo tratado do comércio com a Inglaterra; por muitas outras iniciativas, enfim, que ilustraram o seu nome e estimularam as energias económicas da Nação.»

Hoje, decorridos quatro anos de vão esforços, não quero despertar para não me ver envolto em profunda tristeza, prefiro continuar a sonhar e em visão ver erguer-se de entre os pinheiros centenários do Pinhal de Leiria o Monumento da Gratidão; no litoral, percorrido por avenida ampla e no local onde um esporão natural abriga dos ventos do norte frágeis embarcações dos pescadores, vapores de dez mil toneladas atracarem a um pontão e encherem os seus arcaboijos de esteios para minas, pez, água-raz, cortiças, vinhos, aguardentes, frutas, hortaliças, flôres, mármore, cantarias, paralelepipedos e cubos de diorite, conservas de frutas e de peixe, cimentos, cal, gêsso, vidros, produtos cerâmicos, e, no regresso, os mesmos vapores descarregarem carvão de pedra e uma série interminável e variada de produtos manufacturados.

Portugal comemorava desta maneira com a sua mais antiga Aliada o tratado de comércio assinado em 1294 por D. Denis, e a permuta entre o País do Sol e o País da Bruma ir-se-ia agora intensificar para honra do passado e para benefício mútuo dos dois países.

Vi, decorridos tempos, os ingleses trocarem a «Côte d'Azur» ou a «Côte d'Argent» pela «Costa Verde de Leiria» porque as povoações costeiras do

distrito cuidavam afincadamente do seu saneamento e do seu progresso: piscinas de natação, varandas de pesca, campos de jogos, casinos, meios de condução pululavam por toda a parte.

Vi assim, em deleitoso **sonho**, o progresso caminhar a passos agigantados no distrito de Leiria; todos convencidos finalmente de que a agricultura era o maior ramo da actividade humana, e que se não era proveitoso em nossos dias a Inglaterra criar uvas e frutos em estufas, não o era igualmente para nós a criação industrial de determinados produtos, como o não era ainda a cultura de certos cereais para obtenção de 4 a 5 sementes.

Deus criara o mundo tal como existe para que o formigueiro humano vivesse feliz com o trabalho e com o intercâmbio de interesses recíprocos. Convenciam-se todos finalmente de que a rotina, o *tem que ser*, é a lei dos povos retrógrados e incultos.

A horticultura, a fruticultura e a floricultura tomavam feição industrial, a energia eléctrica, fornecida por baixos preços à lavoura, era um facto, e apareciam os motores eléctricos e os cabos aéreos; tinham sido beneficiados os caminhos vicinais; os lixos e os dejectos dos povoados eram conduzidos para montureiras; a maquinaria agrícola e a alfaia *aperfeiçoada* iam sendo introduzidas com prudência; a técnica ia sendo melhorada; por toda a parte apareciam as associações de proprietários e agricultores, formadas por motu-próprio, convencidos de que «a união faz a força», eram demarcadas as zonas vinhateiras, havia regiões no interior do distrito produtoras de vinhos quentes, encorpados, taninosos, com aroma e sabor agradáveis, no litoral, nos terrenos marginais do Lis, produziam-se vinhos delgados e palhetes com ou sem agulha, de cor aberta e saborosíssimos, noutros, ainda, existiam os vinhos espumosos, apareciam os azeites finos, criavam-se marcas — Leiria-Portugal — para todos os produtos que iam sendo conhecidos e reputados, e era um facto a exposição permanente dos produtos do distrito, nos mercados ingleses.

Para todo o distrito o pequeno agricultor conservava o alpendre na sua habitação, tinha a sua casa caiada e melhorava-a interiormente dando-lhe conforto, tornando-se vulgar o quarto de banho com a tina de ferro esmaltado, o aparelho de telefonia, o mais simples artefacto, todos tinham poder de compra.

Ninguém pensava no urbanismo, desaparecera o pauperismo, todos zelavam as suas culturas, convencidos de que, se a produção agrícola e florestal dependia em muito da harmonia existente entre os diversos factores da Natureza, era grandemente melhorada com os cuidados e o saber do homem, tornando-se as culturas lucrativas.

A criação do porto comercial transformara radicalmente a psicologia do leiriense. Insensivelmente, o trabalhador rural, o pequeno proprietário e o pescador passaram a ter um nível de vida mais elevado, ilustravam-se, a sua personalidade era cada vez mais vincada. Orgulhavam-se da sua indumentária característica, da sua alma crente, multiplicavam incessantemente a flora indígena.

Se o litoral do distrito e muitos cabeços e montes, de solos mais áridos, continuavam revestidos de pinheiros bravos; a essência florestal que a Rainha Santa lançara pela primeira vez em Portugal nas clareiras do Pinhal de Leiria, para que nunca faltasse o pão aos seus habitantes, o esquecido pinheiro manso ia cobrindo maiores áreas nos concelhos da Marinha-Grande, Alcobaça, Batalha, Caldas-da-Rainha, e orlava com as suas majestosas umbelas o trecho da estrada nacional que serve o distrito, como que indicando aos visitantes que estavam num país de luz e de calor.

Os concelhos de Pôrto-de-Mós, Ancião, Alvaiázere, repovoavam de soberbos carvalhos indígenas o seu solo pedregoso; viam-se por toda a parte

formando maciços, ou, então, ornavam as estradas e caminhos, os sobreiros, azinheiras, o carvalho português ou o roble, a própria alfarrobeira e a oliveira; tomavam incremento a criação porcina e exportavam-se cortiças e taninos; os concelhos do nordeste com encostas mais declivosas com xistos do silúrico e do precâmbico voltavam a revestir-se de formosos castanheiros explorados em talhadia, ou em pequenos grupos ou isolados em alto fuste, a darem castanhas em abundância e madeira para tanoaria e marcenaria; na beira dos campos, ou bordando as estradas que cortavam as várzeas ou nas depressões dos valeiros, viam-se com bom desenvolvimento alamedas de ulmeiros, freixos, choupos, amieiros; a guarnecer os caminhos vicinais aparecia em profusão a série quasi interminável dos arbustos e sub-arbustos da flora portuguesa que iam desde a hera, a silva, a roseira brava, a urze, o alecrim, o caniço, até aos salgueiros, vimeiros, lodãos, medronheiros, carrasqueiro, folhados, samouqueiros, tamargueiras, pilriteiros, loureiros, aroeiros, sumagres, zambujeiros. Formavam-se sébes vivas para defender os terrenos contra os ventos, com plantas de rendimento mais apreciável, tais como os marmeleiros, ameixeiras, pereiras e maceeiras bravas, aveleiras, gingeiras, etc.

Por todo o distrito, as fruteiras vergavam ao pêso de generosas colheitas.

As hortas cuidadas, onde se introduziam novas plantas, as flôres em profusão, davam beleza e um aspecto de prosperidade e bem estar que se revelavam na maneira prazenteira e alegre com que a população do distrito trabalhava o seu torrão.

Por toda a parte o tráfego era contínuo; a própria C. P., que inicialmente protestara contra a construção do pôrto comercial, porque vira afectados os seus interesses momentâneos, tinha reconhecido a necessidade de desdobrar a sua via da linha do Oeste e de se irmanar ao progresso do distrito, contribuindo para a propulsão e aperfeiçoamento da produção, instruindo produtores e expedidores de mercadorias, dando indicações para o aperfeiçoamento das embalagens e barateando as tarifas.

Praticava-se novamente a cabotagem; a cal, o gesso, os vidros, os produtos cerâmicos, o peixe sêco, já chegavam por baixos preços aos distritos do nordeste.

*

Ao despertar da minha visão ainda chego a vêr em «Memórias Económicas»:

«Sem as riquezas da India, sem o ouro do Brasil, D. Denis fêz o Estado florescente: he hum exemplo, de que só as riquezas primitivas, isto é, o pão, e tudo o que a terra nos fornece, são verdadeiras riquezas do Estado, e que deve pôr todos os seus cuidados em que os vassallos tenham faceis meios de as adquirir.»

O sonho pode, sem desmedido esforço, transformar-se em realidade. E se o distrito de Leiria «é o coração de Portugal», o bem e a saúde da nação exigem que êle pulse saudavelmente e com um ardor sempre moço!

Julgamos, pois, que o Congresso poderá aprovar o seguinte voto:

A energia eléctrica fornecida por baixos preços à lavoura, a melhoria dos caminhos rurais e a existência de um pôrto comercial na costa do distrito de Leiria, são condições indispensáveis ao seu progresso.

Seria caso para perguntar, se não reconhecêssemos a sua necessidade, para que serviu a inspecção e o inquérito neste caso?!

Eis, sr. Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores, o que é ser presidente da câmara e a que situações conduz o sacrificio, o trabalho, o tempo dispendido e a paciência esgotada em prol do bem comum.

Os presidentes das câmaras, que me estão ouvindo, sentem bem as pesadas verdades que, resumidamente, contamos, porque só elles sabem o que lhes vai por casa.

O Governo precisa de saber também que a chamada *política local*, que mais não é do que acção dos demo-liberais incitados pelos favoráveis ventos do oriente, cria aos presidentes das câmaras situações incompreensíveis que de forma alguma se adaptam aos salutaes e apregoados princípios que regem a política hodierna.

Não falamos por nós porque nos sentimos no fim da nossa vida administrativa, mas sim em nome de todos que exercem essas funções, daquêles que um dia serão chamados a exercê-las e do interêsse geral que não pode ser sacrificado com questões de tal natureza. E, finalmente, sendo o Município a parede mestra da nossa organização administrativa, sendo o presidente da câmara o seu superior dirigente e autoridade executiva, sendo o papel do presidente da câmara delicadissimo, como diz o professor Doutor Marcelo Caetano, «havendo necessidade de defendê-lo dos caprichos, dos personalismos e das intrigas em que tem sido fértil a política local», acrescentando nós — e que continua a sê-lo — nenhum dos factos que deixamos apontados se compreende!

Foi este *virus* político que contaminou a Monarquia, foi elle que a desacreditou, foi elle que a derrubou, foi ainda o mesmo *virus* que, volvidos poucos anos, se infiltrou no regime republicano e o destruiu e desmoralizou e será, finalmente, o mesmo mal, cuja origem está patente, que, com os mesmos métodos e processos, há-de desacreditar, para a história futura, a política de Salazar, se a tempo não houver quem ponha um forte dique a tamanhos e inclassificáveis abusos.

A Indústria dos Resinosos no Distrito de Leiria, por Frederico de Sousa

No Distrito de Leiria, que uma exuberante vegetação enriquece, é o pinheiro — além da vinha, da oliveira e do milho — que caracteriza a actividade agrícola regional.

Sabendo-se também que, mercê dessa privilegiada circunstância, é aqui que se faz o mais largo aproveitamento industrial da gêma, temos explicada a razão por que se achou interessante incluir na resenha das actividades do Distrito de Leiria o valor que nêle representa a INDÚSTRIA DOS RESINOSOS.

Bem escolhido é, pois, o tema. Merecia ser trazido a este Congresso por quem com proficiência e brilho o exaltasse na agitação de todo o seu conjunto, imprimisse ao relato o efeito de elucidativa e amena descrição, dando também às sugestões e às directrizes aquella fôrça convincente que, em casos semelhantes, sempre dimana da autoridade científica e intelectual de quem os apresenta.

Mas, coube-me a mim essa tarefa; e eu, mais não posso oferecer ao Congresso do que considerações na sua maioria não inéditas e a manifestação, que procurarei salientar, de ter tido a idéia de produzir um trabalho que,